

Aula de Língua Portuguesa: uma proposta colaborativa

Portuguese Language learning class: a collaborative proposal

Daiany Ferreira da Silva

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Iporá.
E-mail: daianyfsilva@gmail.com

Márcia Aparecida Silva

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Iporá.
E-mail: marciasilva@ueg.br

Stella Ferreira Menezes

Instituto Federal Goiano - Câmpus Iporá.
E-mail: stella.menezes76@gmail.com

Resumo: O presente estudo teve por objetivo analisar como a aprendizagem colaborativa pode beneficiar os alunos em sala de aula, a partir da proposta de construção de um Jornal, intitulado Diário da Escola, envolvendo turmas dos períodos Matutino e Vespertino, do 6º ao 9º Anos do Ensino Fundamental II, de uma Escola Estadual da cidade de Amorinópolis, Goiás. A pesquisa foi realizada a partir da análise de narrativas dos alunos participantes do Jornal, uma vez que optaram por cursar essa disciplina no Núcleo Eletivo do Estado. Após os textos serem recolhidos e explorados, nos resultados encontramos excertos que evidenciam a percepção dos alunos acerca da aprendizagem colaborativa, o que, segundo eles, garantem autonomia em sala e, conseqüentemente, aprimoram as capacidades cognitivas.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa. Língua Portuguesa.

Abstract: This study aimed to analyze how collaborative learning can benefit students in the classroom based on the proposal to create a newspaper, entitled “Diário da Escola”, involving students from the 6th to 9th grades elementary school, both morning and afternoon shifts, of a public school located in Amorinopolis’ city, Goiás. The research could be done from analyzed students’ accounts who participated in the newspaper, since they chose to study this subject in the Núcleo Eletivo do Estado. After the texts were collected and explored, we found excerpts that showed students’ perception about collaborative learning, which according to them, guarantee autonomy in the classroom and, consequently, improve their cognitive abilities.

Keywords: Collaborative Learning. Portuguese Language.

1 Introdução

Pensar o ato de aprender é refletir sobre as relações a que os indivíduos se submetem no contexto educacional visando o aprimoramento de suas relações consigo e com o mundo. Essas relações evocam, no ambiente escolar, a necessidade do contato com os outros alunos, pois isso garante uma melhor aquisição do conhecimento, principalmente por tornar a aprendizagem um processo mútuo e colaborativo. Investigar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa a partir do viés de uma aprendizagem colaborativa é, com base nos estudos de Vygotsky (1998),

desenvolver as capacidades cognitivas dos alunos por intermédio da interação, uma vez que o homem é considerado um ser social e é a interação a mediadora do processo desse desenvolvimento cognitivo.

Nessa medida, o professor torna-se mediador do processo de ensino. Segundo Tinzman *et al* (1990), com isso, em vez de controlá-lo, o professor deveria apresentar um ambiente favorável e significativo, proporcionando aos alunos autonomia em sua aprendizagem, contrapondo o ideal de aula em que o aluno é sujeito passivo de sua aprendizagem.

Nessa linha de pensamento, nesta pesquisa, abordaremos a aprendizagem colaborativa como propulsora da aprendizagem, e como ela beneficia os envolvidos no processo, principalmente por possuir caráter formativo. Para tanto, propusemos, como objeto de pesquisa, a construção do jornal *Diário da Escola*, elaborado pelos alunos de 6º a 9º anos, pertencentes ao Ensino Fundamental II, dos turnos Matutino e Vespertino, de um Colégio Estadual da cidade de Amorinópolis, interior do Estado de Goiás.

A construção do jornal foi possível a partir de aulas Eletivas, previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 26, redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013, que propõe aos centros de ensino infantil, fundamental e médio e ao próprio Currículo uma Parte Diversificada, voltada para questões sociais e de cidadania, com ênfase em projetos que agrupam os alunos de variadas séries em aulas semanais, a partir de seus interesses em áreas de conhecimentos afins. Para realizar este trabalho, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: de que forma construir um jornal juntos colaborou para a aprendizagem dos alunos?

Assim, este artigo está dividido da seguinte forma: na próxima seção, discorreremos sobre a teoria que embasa a pesquisa, acerca do que é a aprendizagem colaborativa, com base em Figueiredo (2006), depois descreveremos a metodologia de pesquisa. Feito isso, descreveremos como ocorreram as aulas para a criação do Jornal e, por fim, analisaremos os relatos dos alunos participantes do projeto sobre suas visões acerca de sua aprendizagem.

2 Aprendizagem Colaborativa

Segundo Figueiredo (2006), com base em Dillenbourg (1999), a aprendizagem colaborativa baseia-se na teoria sociocultural voltada para uma abordagem construtivista, que pode ser entendida como “[...] situações educacionais em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas, seja por meio de interações em sala de aula ou fora dela” (FIGUEIREDO, 2006, p. 12).

A aprendizagem colaborativa fundamenta-se em Vygotsky (1998), em que o homem é um ser social e, conseqüentemente, é por intermédio da interação com outras pessoas que constrói seu conhecimento. Com isso, a interação entre os indivíduos é a mediadora do processo de desenvolvimento cognitivo. A interação, segundo Vygotsky (1998), de uma criança com outra mais experiente, ou até mesmo com os adultos, faz com que o desenvolvimento psicológico dessa se desenvolva mais rápido, justamente pela aprendizagem acontecer de forma bilateral.

Figueiredo (2006) apresenta dois níveis de desenvolvimento da criança de acordo com os trabalhos de Vygotsky (1998): o real e o potencial. No nível real, a

criança consegue executar atividades/tarefas sem o auxílio de terceiros, já no potencial, a criança consegue desenvolver atividades/funções a partir da colaboração de outros. A diferença entre os dois pontos é chamada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD). Entretanto, Figueiredo (2006), citando Wells (1999), aponta uma explanação acerca do parceiro mais proficiente e como esse nem sempre precisa (obrigatoriamente) estar presente, já que um grupo de alunos reunidos, mesmo não possuindo um conhecimento mais complexo sobre determinado assunto, pode executar uma atividade proposta que sozinhos não conseguiriam. Dessa maneira, a aprendizagem não ocorreria devido às potencialidades dos pares mais proficientes, e sim da interação entre os indivíduos, ocasionando o aprendizado mútuo.

Em muitos casos, há um equívoco quanto à diferenciação entre aprendizagem colaborativa e cooperativa. A partir de Wiersema (2000), Figueiredo (2006, p. 19) diz que a colaboração vai além da cooperação e que “a cooperação é uma técnica cujo objetivo principal é dar cabo a um determinado produto; ou seja, os alunos trabalham juntos para realizar uma tarefa e cada um tem uma função específica para minimizar o esforço dos membros do grupo”.

Já para Panitz (1996), conforme citado por Figueiredo (2006, p. 17), “a aprendizagem cooperativa é mais diretiva e controlada pelo professor”. Assim, na aprendizagem colaborativa o professor exerce o papel de mediador, provedor de apoio cognitivo e afetivo, além de ser um importante colaborador para os alunos, propiciando um maior desenvolvimento intelectual a partir dessas relações. Podemos entender, então, que ambas trazem benefícios ao processo de ensino e aprendizagem, pois “o conhecimento é co-construído e a aprendizagem sempre envolve mais do que uma pessoa” (NYIKOS; HASHIMOTO, 1997, p. 507).

Cabe conceber, dessa forma, a sala de aula como um espaço dinâmico, processual, que resulta da interação entre os indivíduos, sejam os professores, sejam os alunos e seja até mesmo as atividades desenvolvidas em sala (RICHARDS; LOCKHART, 1994). Assim, a aprendizagem colaborativa pode ser compreendida como um efeito, a partir dos estímulos de se trabalhar com o outro, seja em grupos de estudo, em que ambos se auxiliam no processo para um fim específico, seja em atividades que envolvam esforços mútuos entre os envolvidos.

A aprendizagem colaborativa também possibilita uma avaliação formativa, pois os alunos aprendem em conjunto e podem se avaliar durante a execução das tarefas. É necessário compreender, a partir dessa consideração, que a avaliação constitui-se como algo natural à vida humana, uma vez que estamos constantemente utilizando juízos de valor em nosso dia a dia, seja no planejamento de ações, seja na execução de determinadas tarefas e na tomada de decisões diante de acontecimentos. Mas essa prática acontece tão naturalmente que não há uma profunda reflexão sobre sua importância. Segundo Vasconcellos (2009, p. 29),

o ato de avaliar na vida cotidiana dá-se permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação, a partir de juízos, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões. Ao fazer juízo visando a uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, sentimentos, paixões, ideais e

ideologias. Nessas relações estão implícitos não só aspectos pessoais dos indivíduos, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais.

Entretanto, quando a avaliação torna-se institucional, há a possibilidade de analisar e entender todo o processo avaliativo e pensar como ele pode auxiliar na obtenção de novos resultados, ou seja, uma (re) organização das práticas utilizadas. Uma das instituições privilegiadas para se entender o ato de avaliar é a própria escola, já que essa apresenta os exames sob caráter formal. Podemos associar um dos modelos de avaliação ao modelo Construtivista, pois esse apresenta uma proposta sociointeracional entre aluno-professor e aluno-aluno, a Avaliação Formativa, que propõe a construção do conhecimento de maneira processual, em que o aluno precisa estar ciente de que é agente de sua aprendizagem, já que o ato de “[e]nsinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Nesse caso, o professor deixa de ser transmissor de conhecimentos e torna-se mediador (catalisador), isto é, um facilitador entre o conteúdo e toda a complexidade do aluno (MORETO, 2008).

A avaliação formativa baseia-se nos princípios de um conhecimento construído pela interação e aprendizagem mútua. É a partir da construção do conhecimento, de maneira processual e participativa que os alunos conseguem avaliar a si mesmos durante seu processo de aprendizagem. Partindo desse pressuposto, a avaliação formativa colabora para o processo de ensino e aprendizagem e, com isso, promove uma maior autonomia nos alunos, pois esses se tornarão os agentes na aquisição do conhecimento.

No que se refere à autonomia, Holec (1981 *apud* PAIVA, 2006) enfatiza que a autonomia é a habilidade de se responsabilizar pelo próprio processo de aprendizagem. Dessa maneira, o aluno precisa estar desperto para suas próprias potencialidades, a fim de desenvolvê-las durante o processo de estudo, caso queira um resultado satisfatório de aprendizagem.

Segundo Little (1991 *apud* PAIVA, 2006, p. 82) o conceito de autonomia é a “capacidade de planejar, monitorar e avaliar as atividades de aprendizagem e, necessariamente, abrange tanto o conteúdo quanto o processo de aprendizagem”, além de acontecer ao longo desse, de maneira processual e formativa.

A partir das considerações acerca do processo de ensino e aprendizagem aliado a uma aprendizagem com caráter autônomo, interacional e compartilhado, abordaremos a metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho. Sendo assim, para sua realização, partimos da seguinte questão: “De que forma construir um jornal juntos colaborou para a aprendizagem dos alunos?”, e, de modo consequente, mostramos as discussões que se estenderam após as análises.

3 Metodologia

Para a realização deste trabalho, houve o acompanhamento das turmas de Nível Fundamental II, com o total de 25 alunos em cada período letivo, de 6º Ano até o 9º Ano, dos turnos Matutino e Vespertino, os quais optaram pela disciplina de Produção e Reescrita, pertencente ao projeto de Aulas Eletivas da Parte Diversificada

do Currículo do Estado, presente no artigo 26, Lei nº 12.796, de 2013. Esse projeto possui o objetivo de aprimorar o conhecimento dos alunos em áreas de seu interesse. As aulas ocorreram nas quintas-feiras para o período Matutino e nas sextas-feiras para o período Vespertino, sendo ministradas duas aulas semanais em cada período, com início dia 08 de março de 2018 e término dia 22 de junho de 2018.

Esta é uma pesquisa qualitativa, na qual nos embasaremos em Bardin (2006), realizando análise de conteúdo, que consiste na visão sistêmica e analítica de dados discursivos, visando às características, modelos comuns ou estruturas semelhantes em fragmentos textuais. Bardin (2006, p. 38) postula que

o termo análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo, segundo Vergara (2005), consiste, então, no método de agrupamento de dados, relacionados a determinado tema, visando garantir ao pesquisador maiores certezas e conseqüentemente facilitar e enriquecer as análises feitas a partir dos dados obtidos. Para tanto, Bardin (2006) postula as etapas técnicas para tal análise, sendo elas: 1) pré-análise, 2) exploração do material obtido e 3) interpretação dos resultados.

Dessa maneira, a análise de dados será com base nas narrativas feitas pelos alunos após o término da experiência, os quais puderam responder aos questionamentos de maneira descritiva e textual acerca da experiência obtida durante o período de realização das aulas de Produção e Reescrita e construção do Jornal Diário da Escola.

Para tanto, houve a divisão sistemática de seis momentos na fase da preparação do Jornal, para sua publicação: 1) Estudo do gênero jornalístico, 2) Análise de jornais impressos, 3) Fase de planejamento em grupo do *corpus* do jornal, 4) Processo de produção e revisão de textos jornalísticos, 5) Montagem do Jornal e 6) Publicação do Jornal no mural da Escola. Todas as fases foram feitas durante o período letivo semestral, de maneira sequencial.

O objetivo do Jornal era incentivar o desenvolvimento dos conhecimentos acerca da produção escrita, bem como a importância do hábito de reescrever um texto produzido. Os temas variavam de acordo com cada gênero textual. Por exemplo, quando tínhamos uma matéria jornalística, optamos por temas de caráter social, como a falta de água em alguns bairros da cidade, o lixo nas ruas, a falta de iluminação pública, entre outros. Dessa maneira, tínhamos liberdade para trabalhar diversos temas como saúde, educação, esporte, lazer, política e também religião, a partir do estudo das características de determinado gênero. Assim, atingimos o nosso objetivo principal: trabalhar o senso crítico por meio da pesquisa, leitura, escrita e, conseqüentemente, reescrita dos textos para publicação no Jornal da Escola.

Para que a análise da construção do Jornal pudesse ser realizada, pedimos aos alunos que anotassem no caderno da disciplina, em forma de fichamento, os pontos

mais relevantes e que contribuíram para a vida escolar deles e, além disso, pedimos também que, em outro momento, anotassem os pontos que foram trabalhados ou apresentados de maneira insuficiente, sendo que, ao final dessas críticas, os alunos poderiam dar sugestões para a melhoria da aula. Além de incentivar a importância de ser protagonista de uma disciplina escolhida por eles mesmos, esse momento de relembrar os encontros causaria reflexões sobre suas próprias atitudes e responsabilidades em sala, direcionando-os a um processo de autorreflexão. Devido ao tempo hora/aula, alguns alunos não conseguiram entregar os dois fichamentos e, assim, foi proposto que na aula seguinte o trabalho fosse entregue para que pudessemos organizar e promover um melhor aprendizado em sala de aula. É sabido que durante o trabalho com alunos, enfrentamos situações diversificadas e, por vezes, desestimulantes. Um exemplo é a resistência de 4 alunos que não queriam produzir o fichamento proposto, uma vez que consideravam a escrita como algo irrelevante para sua vida escolar e também social. Entretanto, o fazer docente também nos dá um arcabouço para lidar com situações desse tipo. Dessa forma, com muita insistência e trabalho de conscientização sobre a importância do ato de escrever não só atualmente, como também na história de toda a humanidade, os alunos resolveram produzir os textos e entregá-los na aula seguinte.

Os dados obtidos a partir das narrativas produzidas pelos alunos servirão para a análise. Esses dados foram divididos em excertos e tema correspondente em um quadro construído na próxima seção.

4 Resultados e Discussões

Para mobilizar a pesquisa, o questionamento guia foi: “De que forma construir um jornal juntos colaborou para a aprendizagem dos alunos?”. Com essa questão o objetivo era compreender quais eram os aspectos relevantes, segundo os próprios estudantes, para o seu processo de aprendizagem. Para isso, suscitamos uma pergunta motivadora, na qual os alunos poderiam discorrer em forma de textos acerca do processo de participação nas Eletivas, qual seja: “Quais as experiências obtidas durante a construção do Jornal te auxiliaram a intensificar sua aprendizagem?”. Assim, a partir dessas narrativas, construímos o quadro 1, tendo como tema a aprendizagem colaborativa. Importante salientar que foram escolhidos 5 excertos para análise e os autores desses excertos foram codificados como A1, A2, A3, A4 e A5, para evitar qualquer tipo de identificação dos alunos-sujeitos.

Quadro 1: Aprendizagem Colaborativa

Excerto	Tema
<p>A1: [...] foi muito interessante conhecer um pouco melhor as pessoas.</p> <p>A2: Nós escrevemos muito e criamos muito durante esse tempo em que ficamos juntos.</p> <p>A3: Os alunos reunidos é uma ótima ideia para que um ajude os outros nas escritas, e no que for preciso!</p> <p>A4: [...] eu adorei essas novas aulas, onde juntou todo mundo, pois todo mundo tinha uma ideia diferente e foi legal.</p> <p>A5: Na aula de Jornal, sempre trabalhávamos juntos, todos gostavam do Jornal, cada dia de aula sempre éramos avaliados. Fizemos várias atividades avaliativas é também escrevemos o que teria no jornal todos trabalhavam juntos todos eram unidos, então o Jornal fez uma grande mudada na nossa aula. Aprendemos a trabalhar juntos. Nós escrevíamos notícias como se fosse um jornal.</p>	<p><i>Aprendizagem Colaborativa</i></p>

Fonte: Narrativas dos alunos

Analisando os excertos, percebemos que o aluno A1, ao dizer que “[...] foi muito interessante conhecer um pouco melhor as pessoas”, enfatiza a importância do processo de conhecer o outro para sua aprendizagem. Vygotsky (1998), em seus trabalhos, destaca que o conhecimento é construído a partir de todas as relações vivenciadas em contato com o outro, e dessa forma é a interação a motivadora do processo de aprendizagem. Quando A1 transfere ao ato de conhecer os demais como fator para sua aprendizagem, evidencia sua necessidade de estar em um ambiente com possibilidades de aproximação e colaboração para sustentar sua individualidade. Em consonância a essa visão, o trecho retirado da produção de A2 - “Nós escrevemos muito e criamos muito durante esse tempo em que ficamos juntos” - retoma a teoria sociointeracionista de Vygotsky, bem representada por Rego (1995, p. 56), em que evidencia que “construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas”.

Uma vez que o professor opta por trabalhar em conjunto com seus alunos, precisa reconhecer que seu papel enquanto fornecedor do conhecimento (LÉVY, 1999) é descentrado de sua figura. Aqui o conhecimento torna-se uma construção social, e isso configura um dos aspectos primordiais para uma aprendizagem colaborativa. O objeto central é o aluno, não cabendo mais uma visão passiva em sala de aula (FIGUEIREDO, 2006).

No excerto retirado de uma das narrativas, o aluno A3 apresenta uma preocupação quanto ao caráter de uma aprendizagem mútua e significativa: “Os alunos reunidos é uma ótima ideia para que um ajude os outros nas escritas, e no que for preciso!”. Nesse caso, os alunos se ajudam mutuamente e o professor age no sentido de encaminhar os alunos até o objetivo final. Sá e Coura-Sobrinho (2008, p. 4), ao discorrerem sobre a aprendizagem colaborativa, afirmam que

cada membro do grupo é responsável pela sua aprendizagem e pela dos outros elementos, promovendo uma rede de interações sociais em que professores e alunos são envolvidos para a construção de um objetivo comum, no qual a colaboração ativa e a avaliação de todos são essenciais. Nessa situação, o conhecimento é visto como um constructo social.

Para que se possa pensar na importância da aprendizagem pelo viés colaborativo, deve-se reconhecer que cada indivíduo envolvido no processo possui suas potencialidades, uma vez que a aquisição do conhecimento perpassa pelo ato de ouvir e fazer o outro ser ouvido. Figueiredo (2006, p. 21), sobre o papel do aluno, aborda que

[não] é suficiente [...] que os parceiros simplesmente trabalhem juntos ou que um parceiro domine e demonstre soluções para o outro. Eles devem co-construir a solução para o problema ou compartilhar, em conjunto, as decisões a serem tomadas sobre as atividades que serão coordenadas para resolver o problema.

No trecho referente à produção do Aluno A4 é exposto: “[...] eu adorei essas novas aulas, onde juntou todo mundo, pois todo mundo tinha uma ideia diferente e foi legal”. Esse trecho demarca o conhecimento visto como construção plural, a partir da relação dele com o outro e reconhecendo-se a si mesmo no próprio processo de aprendizagem. Freire e Horton (2003, p. 47) destacam que “ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer”. É interessante observar que nesse excerto, do aluno A4 há a repetição de “todo mundo”, o que reafirma a importância do trabalho em grupo e da aprendizagem possibilitada pela abordagem colaborativa partindo de suas próprias considerações.

O último excerto, referente à produção do Aluno A5, é voltado para o aspecto avaliativo do processo de ensino e aprendizagem, Nele destaca-se o caráter de uma avaliação formativa, observadas tanto individualmente como a partir de seu desempenho no trabalho em grupo:

Na aula de Jornal, sempre trabalhávamos juntos, todos gostavam do Jornal, cada dia de aula sempre éramos avaliados. Fizemos várias atividades avaliativas e também escrevemos o que teria no jornal todos trabalhavam juntos todos eram unidos. (Excerto retirado da narrativa do aluno A5)

Segundo Silva (2006, p. 32), a aprendizagem e a avaliação se dão na medida em que um se relaciona com o outro, em que professores e alunos tornam-se indivíduos com compromisso comum a partir da exploração de conteúdos. Assim,

professor e alunos constroem uma rede e não uma rota. Ele define um conjunto de territórios a explorar. E a aprendizagem e a avaliação se dão na exploração – ter a experiência de participar; de colaborar, de criar, de co-criar realizada pelos aprendizes e não a partir de sua récita, do falar-ditar. Isso significa modificação no clássico posicionamento na sala de aula.

Ainda analisando o trecho de A5, fica evidente que o estudante considera uma mudança o fato de trabalhar em conjunto com outros alunos. Esse fato desconstrói uma rede de relações estabelecidas pelas aulas tradicionais, em que só o professor ensina e aos alunos cabe apenas aprender, esse ponto também referencia e estimula a autonomia dos alunos. Conforme Cândido Júnior (2006, p.72), ao falar do trabalho do professor,

cabe-nos, portanto, reforçar a importância de trazer nossos alunos para o centro do processo de aprendizagem, compartilhando com eles as responsabilidades nas tomadas de decisão, o que nos permitiria descortinar as riquezas inerentes em cada um que compõe o cenário das nossas salas de aula.

Isso demonstra que quando damos autonomia e proporcionamos aos alunos um ambiente favorável ao trabalho em grupo/equipe, o objetivo de tornar a aprendizagem eficaz é alcançado, desde que todos os alunos sejam valorizados durante o processo de aquisição do conhecimento.

5 Conclusão

Para realizar esta pesquisa, a seguinte pergunta foi proposta: “De que forma construir um jornal juntos colaborou para a aprendizagem dos alunos?”. Para responder a esse questionamento, foi pedido que os alunos refletissem sobre suas impressões acerca da experiência obtida a partir da participação das aulas de escrita do Jornal Diário da Escola e sobre sua aprendizagem durante esse período.

A partir da leitura das narrativas foi possível inferir que os alunos aderiram à proposta de trabalharem em conjunto com os demais ao perceberem a relevância de estar em contato com o outro. A aprendizagem tornou-se significativa por ter sido para além dos conteúdos, de maneira compartilhada e autônoma, houve a inserção daqueles de maneira com que sentissem valorizados e reconhecidos enquanto agentes de seu próprio processo de aprendizagem.

Todo o trabalho desenvolvido abarcou teóricos que desenvolveram trabalhos acerca da aprendizagem colaborativa e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Como base para a pesquisa, foi de suma importância as contribuições de Figueiredo (2006) e sua concepção de aluno enquanto ser ativo na construção de sua própria aquisição de conhecimento.

Dessa forma, a partir de todo o exposto, percebemos que os próprios alunos sentem-se acolhidos quando são envolvidos no processo educacional e se engajam na execução dos trabalhos propostos quando o professor despense certa liberdade e autonomia para que eles possam interferir e significar sua própria aprendizagem.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

- CÂNDIDO JUNIOR, A. Os processos de colaboração e de negociação durante a realização de atividades comunicativas. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006. p. 47-80.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P.; HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MORETO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- NYIKOS, M.; HASHIMOTO, R. Constructivist theory applied to collaborative learning in teacher education: in search of ZPD. *The Modern Language Journal*, v. 81, n. 4, p. 506-517, 1997.
- PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127, jan./jun. 2006.
- REGO, T C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- RICHARDS, J. C.; LOCKHART, C. *Reflective Teaching in Second Language Classrooms*. Cambridge: CUP, 1994.
- SÁ, R. R.; COURA-SOBRINHO, J. Aprendizagem Colaborativa assistida por Computador: primeiros olhares. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SENEPT). Belo Horizonte/MG, CEFET, 2008.
- SILVA, M. *O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online*. São Paulo: Loyola, 2006.
- TINZMAN, M. B., JONES, B. F., FENNIMORE, T. F., BAKKER, J., FINE, C., PIERCE, J. *What is the collaborative classroom?* [s.l.]: [s.e.], 1990.
- VASCONCELLOS, M. M. M. *Avaliação & ética*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.
- VERGARA, S. C. *Método de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

VYGOTSKY, L. S. The development of higher forms of attention in childhood. In: WERTSCH, J. V. (Ed.). *The concept of activity in Soviet psychology*. New York: M.E. Sharpe, 1998, p. 189-240.